

LEITURAS DE *NAVEGAÇÕES* (1983): POÉTICAS DO MAR EM SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

Wendel Francis Gomes SILVA*

- **RESUMO:** Sophia de Mello Breyner Andresen afirmou-se como uma voz poética única no século XX, sem, contudo, deixar de evidenciar sua relação com seus predecessores. Em *Navegações* (1983), a autora evoca a grandiosidade do mar, a partir da experiência da viagem de descobrimento, marcada pelo espanto do olhar que revela o mundo. Ao explorar tal temática, Sophia estabelece franco diálogo com a tradição literária portuguesa, evocando, por exemplo, nomes como Luís de Camões, Fernando Pessoa e Jorge de Sena. Em meio a essa multiplicidade de vozes, a autora revisita, a seu modo, a tradição épica e marítima de Portugal. Dessa forma, este trabalho dedica-se a analisar como se configura a relação entre o sujeito lírico andreseneano e o mar, na referida publicação, observando o modo que os ecos e vozes literárias perpassam e/ou interagem com sua própria escrita.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Literatura Portuguesa. Poéticas do Mar. *Navegações*.

Entre diálogos e rupturas – o contexto de *navegações* (1983)

O livro *Navegações* (1983) tem como mote a viagem, em especial, a visita de Sophia de Mello Breyner Andresen a Macau em 1977 na ocasião da celebração do dia de Camões. Segundo a própria autora, em discurso proferido durante a entrega do Prémio do Centro Português da Associação de Críticos Literários, atribuído a *Navegações* a publicação apresenta parte do maravilhamento da vista aérea da costa do Vietname, do qual nasce o conjunto de poemas que compõem a obra, publicada em 1983 pela Imprensa Nacional Casa da Moeda. A edição contaria com a presença de ilustrações de mapas e das versões dos poemas em francês, de autoria de Joaquim Vital, e em inglês de Ruth Fainlight, por solicitação de Sophia. Rodrigo C. M. Machado, no artigo “*Navegações* ou a descoberta de si (?)” (2018, p.88) afirma que essa publicação pode ser considerado uma “epopeia moderna”,

* Doutorando em Letras: Estudos Literários. UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras – Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários. Belo Horizonte – MG – Brasil. 30140-040 – wendel.francis@hotmail.com.

inserindo-se na tradição de literaturas que tem o mar como tópico recorrente e dialogando com *Os Lusíadas*, de Camões e *Mensagem*, de Pessoa. Segundo La Salette Loureiro (2003, p. 299), no texto “Navegações, descobertas, encontros e reencontros na poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen”, o tema das Grandes Navegações portuguesas seria recorrente na obra de Sophia¹.

Para Loureiro (2003), o livro celebra as viagens dos Descobridores, mas, através delas, figura a marcha da Humanidade e do Ser, nos termos de Heidegger, apontando para a construção de um futuro que corresponda ao aperfeiçoamento do Homem. O livro estabelece um paralelo entre o trabalho do descobridor e o do poeta, ambos criadores de mundos. Assim, através da forma e do conteúdo, *Navegações* estabelece uma equivalência simbólica entre o processo das Descobertas (o mundo como um todo e como pátria) e a Evolução da Humanidade, a procura do Ser e a atividade do Poeta, propondo-nos um projeto de Recomeço, que se daria na construção de um Homem novo, mais consciente e mais livre. Portanto, o tema do mar em *Navegações* parece metaforizar a própria jornada da humanidade em busca desse futuro, em que o Homem se aperfeiçoa e se liberta.

Na verdade, poder-se-á dizer que *Navegações* propõe um mundo possível, vendo no presente um momento inaugural, um re-começo, uma segunda origem, perspectivados a partir de um olhar orientado para o futuro, mas que é também sobre o passado e o presente, e por isso necessariamente intertextual, mas sem que esse facto impeça uma perspectiva nova e pessoal.

Em nosso entender, a originalidade dessa perspectiva decorre do projecto já enunciado e de uma visão particular que parte da experiência pessoal da relação inicial da autora com o Oceano, que a leva a colocar em primeiro plano a vivência das navegações como uma «epopeia do espanto», passando para segundo plano os factos e os objectivos históricos dos Descobrimentos (Loureiro, 2003, p. 302-303).

Considerando que na poética de Sophia há uma busca em ver “todo o fenómeno” (Andresen, 2018, p. 897), como afirmaria em “Arte Poética III”, a publicação expõe, igualmente, um novo plano de vivências em relação à viagem, retomados a partir dos “Olhos abertos do navegador [que] Mudam aqui a luz a sombra a cor” (2018, p.747). Ao dialogar com o tema das Grandes Navegações e da Descoberta, a poeta revisita, figurativamente, as ruínas do passado de Portugal, escombros de memória coletiva, heranças de versos camonianos e pessoanos. Nesse contexto, Sophia reflete sobre o presente, inserindo-se em um contexto de retomada

¹ , “[...] no sentido da admiração pelos feitos realizados pelos navegadores e da nostalgia da epopeia, mas acrescentando-lhe uma visão pessoal e original, que se enquadra de forma harmónica no seu projecto ético e poético”. (2003, p. 299).

democrática do país após a Revolução dos Cravos, ao mesmo tempo em que medita sobre o futuro incerto na reconstrução da nação.

Na percepção de Rodrigo C. M. Machado, o livro pode ser compreendido como

uma viagem psíquica e não necessariamente física, pois, nos momentos que sai do lugar físico, o sujeito jamais deixa de pensar o seu lugar socialmente construído, a sua pátria, a sua cultura e os problemas enfrentados por seu país há muitos séculos. O sujeito poético andreseneano analisado é um fado, um fardo, fadado ao desconcerto e ao descontentamento de si diante de uma realidade mundana, muitas vezes, criada, difundida a fim de acalmar os ânimos.

Navegações é, como diz o eu lírico, uma “Navegação abstrata”, através da qual busca-se, de cima, traçar-se um mapa, sem nunca obter sucesso, pois, assim como o mar, o sujeito também é transitório, sem fronteiras pré-determináveis e passíveis de serem estabelecidas (Machado, 2018, p. 91).

Essa percepção de uma “viagem psíquica” se apresenta, em grande parte, por um esvaziamento desse mesmo sujeito perante o trajeto que realiza. É “Navegação abstrata”, mas que se apresenta a partir de uma severa concretude nas escolhas lexicais, tais como, “cidade”, “rio”, “corpo amontoado de colinas”, “grande barca”, “longa costa”, “verde imóvel”, “branca praia”, “águas transparentes”, “ilhas luminosas”, “garças milagrosas”, “peixe”, “mapa”, “safiras azuis”, “mar luzente”, “âncoras escuras”, “negras quilhas”, “altas nuvens brancas”. Esse novo mundo que se abre ao olhar da poeta-viajante solicita para si os mais diversos adjetivos, em especial os que emitem uma atribuição de cor, como aponta Luís Miguel Nava. Para ele, essas “notações cromáticas”, acompanhadas de uma adjetivação contundente, afastam os poemas de um plano da mera descrição.

[...] deslizando assim para um plano que, não sendo já o da mera descrição, nem tão pouco o de uma subjectividade que sobre ela se projectasse, nos põe antes em presença de uma realidade cuja violência abala essa própria subjectividade. [...]

É pois desse contacto com o que nos Descobrimientos foi vivido como intensamente novo e violento que Sophia se quer nestes poemas a cronista, mas cronista às avessas, se assim pode dizer-se, dado que o que em cada encontro se celebra é justamente a intensidade com que o real se furta à contingência histórica e se procede à abolição do tempo (‘E extinguiram-se em nós memória e tempo’), uma cronista, em suma, do que em cada momento há de inicial (Nava, 2004, p. 175).

Como repercussão possível desse encontro com o espanto dessa realidade sobre a própria subjetividade da voz poética, percebe-se, em certos momentos, uma diluição da própria voz em benefício de uma voz coletiva, como se esse mesmo olhar inaugural fosse partilhado com toda humanidade. Essa evidência é perceptível quando o sujeito-enunciador utiliza a conjugação dos verbos na primeira pessoa do plural: “Navegámos para Oriente”, “E extinguiram-se em nós memória e tempo”, “Atravessámos do Oriente”, “O espanto nos guiava”, “Juntos dançámos pra nos entendermos”.

Ao analisar o volume *Navegações*, Virgínia Bazzetti Boechat, na dissertação “Na rota das navegações: Sophia de Mello Breyner Andresen”, conclui que

A proposta de Sophia nesse conjunto, entretanto, é principalmente a de instaurar uma ordem da verdade onde a história adquira um verdadeiro sentido. E essa ordem só pode ser instaurada a partir do recorte, da síntese, do essencial na história, daí sua diluição. Assim como em sua nudez o *Kouros* arcaico apresenta-se destituído de individualidade, de especificidades, podendo ser tanto um deus como um mortal, não sendo possível sequer o situar ou atribuir uma condição social, também a história aparece assim, nua, destituída de seus acontecimentos, de seus momentos, de seus agentes. Por ocultarem fatos, feitos e individualidades, os poemas fazem emergir uma nova verdade histórica, justamente por negar-se a copiá-la. Se a verdade a emergir, em *Navegações*, é declarada como tendo o mesmo sentido de olhar, *Alétheia* e descobrimento, essa verdade instaurada pelos textos deixa emergir a história como beleza (Boechat, 2004, p. 155).

Os apontamentos feitos pela pesquisadora demonstram que as escolhas temáticas, formais e estilísticas da autora evidenciam também seu posicionamento em relação ao tema das viagens, tendo como referência aquelas realizadas durante o século XV e XVI, marco histórico para o ocidente e para a história portuguesa. Apesar dessa referência – que não pode ser compreendida como uma escrita descritiva, mas apenas sugestiva – Sophia enuncia o diálogo com seus predecessores sem perder de vista a tônica da própria poética, de forma que, como afirma Nava (2004, p. 177), o mundo por ela fundado (a praia, o mar, as costas, o oriente) surge como uma metáfora da própria poesia (a página) a tal ponto que a sua própria escrita se confunde com aquilo que celebra e, igualmente, partilha dos atributos que já manifestara até aquele momento, tais como a justeza, a dicção clássica, a busca pelo equilíbrio, a relação com o real e a busca pela verdade das coisas.

A estrutura do livro – unidade do projeto poético de Sophia

Observa-se o esforço poético andreseneano em termos estruturais do livro, reafirmando um vincado sentido de unidade que se manifesta na interconexão

entre as partes que o compõem. Ao todo, localizamos 25 poemas, distribuídos em três seções assimétricas: a publicação inicia-se com o poema “Lisboa”, que, na circularidade temática e no movimento intrínseco de chegada e partida da viagem, pode ser compreendida igualmente como ponto inicial e final do trajeto poético. Por esse mesmo motivo, “Lisboa” poderia ser comparada àquelas figuras instadas à proa dos navios, continuamente observando o mar e por ele sendo observada.

Digo:

“Lisboa”

Quando atravesso - vinda do sul - o rio

E a cidade a que chego abre-se como se do seu nome nascesse

Abre-se e ergue-se em sua extensão nocturna

Em seu longo luzir de azul e rio

Em seu corpo amontoado de colinas -

Vejo-a melhor porque a digo

Tudo se mostra melhor porque digo

Tudo mostra melhor o seu estar e a sua carência

Porque digo

Lisboa com seu nome de ser e de não-ser (Andresen, 2018, p. 723).

Ao nomear pela primeira vez, o sujeito enunciador evoca uma cidade citada, referenciada, comentada por todos os que vieram anteriormente, pelos seus poetas e prosadores, por seus fadistas e habitantes, por sua história de glórias e fracassos. Porém, ao utilizar a primeira pessoa, o sujeito lírico anuncia a sua própria Lisboa. A cidade é uma rota, uma vez que indica, logo no primeiro verso, o movimento de chegada, tal como um navegante que retorna ao possível ponto de partida ou que se decide por aportar em nova paisagem em sua viagem de retorno. Lisboa, nome paradoxal, é, simultaneamente, “ser” e “não-ser”, como se sua própria existência estivesse mediada, condicionada à flutuação de um nome que não se afirma, senão quando é evocado, proclamado, escrito. Ao dizer o nome da cidade, Sophia cria, por meio da palavra poética, a Lisboa que deseja fundar para si. Ao enunciá-la, tal como no verbo divino, a cidade sai do seu paradoxal estado de “ser e de não-ser” e pode, finalmente, ser observada pelo olhar atento do viajante em seu trajeto. Ao dizer para ver, o sujeito busca desocultar a verdade (*aletheia*) sob aquela paisagem, o que só pode realizar porque propõe-se a (re)ver a cidade e a dizer-lhe o nome.

Na sequência, encontramos a segunda parte do livro, “Ilhas”, composta por 7 poemas, e a parte denominada “Deriva”, com 17 poemas. A segunda e terceira partes do livro tratam diretamente das navegações mediterrânicas, das viagens do sujeito poético e dos descobridores. No entanto, do ponto de vista semântico, autorizam a construção de vários significados. A segunda parte, “As ilhas”, inicia-se com o relato e a descrição do encontro com “A longa costa [...] de um verde

espesso e sonolento” (2018, p. 727), evocando “Aquele olhar que às vezes está pintado à proa dos barcos” (2018, p. 756) e encerra-se com um poema sobre a morte de D. Sebastião, fato que o sujeito poético parece lamentar (“Difícil é saber de frente a tua morte”, 2018, 733) e que deu ensejo a uma longa cadeia de mitos e especulações sobre o retorno do monarca.

Já na última parte, denominada “Deriva”, percebemos a indicação de uma navegação sem rumos, sem destinos certos, à mercê das reviravoltas do mar, refletindo certa desesperança naquele presente incerto e no futuro da nação.

A partir da segunda edição do livro, foram acrescentadas algumas notas que evidenciam os diálogos intertextuais estabelecidos por Sophia. Tais informações paratextuais desempenham um papel fundamental na construção do diálogo intertextual que manifesta com o contexto histórico e cultural português, estabelecendo conexões entre a obra e figuras emblemáticas da literatura portuguesa, como Luís de Camões, Fernando Pessoa e Jorge de Sena. No poema I e III, as invocações da voz de Camões são evidenciadas, permitindo uma imersão na tradição lírica e épica do passado, enquanto o poema VII se destaca como uma reflexão sobre a figura de Dom Sebastião. Já no poema IV, Bartolomeu Dias, considerado o maior dos navegadores, é invocado, evidenciando aquele que seria um representante ideal de navegador prototípico. O poema V, por sua vez, apresenta-se como uma glosa livre da Carta de Pêro Vaz de Caminha, retomando os primeiros relatos dos descobrimentos. No poema XIII, a invocação de Pessoa é notável, remetendo a construção mítica do poeta da heteronímia. As invocações de Jorge de Sena no poema XIV e a abordagem das diversas Reboleiras de Lisboa, privadas do Tejo, no poema XV, completam o mosaico de referências literárias e históricas presentes nas notas do livro, enriquecendo a compreensão da obra como um todo.

Vozes do passado: Camões e Pessoa

Considerando os apontamentos realizados sobre as notas que acompanham a edição, a poética de Sophia pode ser pensada como um espaço de encontros. Nesse sentido, relembremos Ruy Belo em seu texto “As influências em poesia”, para quem

A poesia é também um meio de convívio. A poesia é a melhor sala de que o poeta dispõe para conviver com os seus contemporâneos e a única sala onde pode receber e ouvir a voz dos antigos. [...]

A grande poesia é uma poesia aberta, incompleta, imperfeita, à espera de que outros autores de talento a venham completar e aperfeiçoar [...] (Belo, 1984, p. 245-246).

Nesse sentido, ao abordar o tema das Navegações, a autora parece convidar ao próprio convívio aquelas vozes que menciona nas notas do livro. As invocações podem ser interpretadas por um convite, não apenas aos poeta, mas igualmente ao leitor, que navega simbolicamente através das turbulentas águas da história portuguesa e, num sentido mais ontológico, encontra-se em pleno trajeto, ao lado do sujeito poético, atravessando o espanto e a experiência do descobrimento enquanto fenômeno em si mesmo. Dos nomes citados, desejamos comentar brevemente a aparição de Camões e Pessoa, considerando a impossibilidade de estendermos uma análise mais detida sobre o diálogo de Sophia com tais autores.

No caso de Camões, uma leitura apressada de algumas passagens de *Navegações* poderia levar a pensar que os versos da escritora, tanto no tema quanto na entonação, constituem-se numa mera retomada do canto entoado por seu antecessor em *Os Lusíadas*. Todavia, enquanto o autor da epopeia segue uma ordem lógica e uma progressão que leva a um fato marcante, os poemas de Sophia não buscam a mesma estrutura narrativa. Enquanto Camões celebra os feitos dos portugueses que navegaram para além-mar exaltando seus feitos, Sophia aproxima-se das imagens associadas ao mar a partir do deslumbramento, da euforia e/ou da perdição, posicionando-se criticamente em relação à megalomania conquistadora do expansionismo português, visto que, para ela, “o tema de *Navegações* não é apenas o feito, a gesta, mas fundamentalmente o olhar, aquilo a que os gregos chamavam aletheia, a desocultação, o descobrimento”, como afirmaria no discurso de 1984. Compreende-se, portanto, porque o primeiro poema do conjunto intitulado “As ilhas” celebra exatamente o deslumbramento dos navegadores diante do mar e das novas terras que vão alcançando, e não a conquista do além, proposta de Camões em *Os Lusíadas*.

Segundo Márcia Helena Saldanha Barbosa (2011), em texto intitulado “Nas pausas do verso: a trama dos acontecimentos e seus intervalos na poesia de Sophia Andresen”

o eu-lírico de Sophia Andresen empresta às imagens que evocam as navegações e os descobrimentos um outro sentido ou valor, libertando-as de várias formas de destruição – o cálculo, a cobiça, a planificação excessiva dos atos, o utilitarismo, o ufanismo e a submissão às regras estabelecidas (Barbosa, 2011, p. 183).

Portanto, a autora busca distintos caminhos para repensar esse importante capítulo da história portuguesa. Por um lado, a autora aproxima-se formalmente de Camões, como se vê em poemas como “I” e “III”, da seção “As Ilhas”, ou mesmo no “Soneto à maneira de Camões”, publicado em Coral (1950); por outro lado, não compactua com certos aspectos da figura do poeta quinhentista. Sofia de Sousa Silva, no artigo “Só a arte é didática: Luís de Camões por Sophia de Mello Breyner Andresen”, apresenta parte dessa relação paradoxal afirmando que

A valorização formal de Camões, no entanto, nem sempre caminha de par com uma valorização de Camões como personagem. Aqui notamos algo peculiar à obra de Sophia: um desejo de reparação. Há como que um desejo de reescrever a biografia de Camões, dando-lhe um final mais harmonioso, mais condizente com o poeta da plenitude e da unidade que Sophia reconhece que ele foi (Silva, 2010, p. 129).

No caso de Pessoa, em entrevista concedida a Miguel Serras Pereira para o *Jornal das Letras*, em 1985, a autora revela parte do fascínio e do conflito que percebe entre a própria poética e a poética de Pessoa.

— Os primeiros poemas sobre Fernando Pessoa tiveram como ponto de partida o terem-me pedido uma conferência sobre ele. Ia ficando meia louca porque escrever em estilo lógico e explicativo é contrário à minha organização natural. No fim da conferência acabei mesmo um pouco alucinada, porque li o Pessoa todo ao mesmo tempo e acabei por ouvir fisicamente as quatro vozes do Fernando Pessoa. Fiquei completamente cercada. E, dessa espécie de cerco, de insatisfação e de incapacidade de decifrar o Fernando Pessoa logicamente, nasceram os poemas.

[...]

Eu escrevi muito sobre Fernando Pessoa porque justamente essa capacidade de não ser ninguém me faz uma certa angústia. Porque a morte não é só decomposição... também pode ser perda de identidade. Fernando Pessoa perde a identidade em vida, vive uma perda de identidade.

[...]

Eu acho que a poesia não é uma renúncia. O Fernando Pessoa vive a poesia como uma transcendência. Eu creio numa positividade... Há no **Coral** um poema chamado «Sibilas» que é escrito como acusação contra os poetas como o Fernando Pessoa. E há um verso do Rilke que diz aquilo que procuro: «encontrar um puro domínio humano entre o rio e a rocha». Eu acredito na unidade, acredito na possibilidade, mesmo que seja... Toda a minha poesia oscila entre a confiança nessa unidade e uma espécie de pânico do seu fracasso (Pereira, 1985, on-line).²

Nesses trechos da entrevista, observamos como Sophia apresenta os pontos em que a própria escrita se afasta de Pessoa: o desejo de unidade, a poética do fingimento, a crença em uma positividade e a crença na poesia como uma

² PEREIRA, Miguel Serras. 1985. “Sophia: ‘Sou uma mistura de Norte e Sul’” – Entrevista a Sophia de Mello Breyner Andresen. *Jornal de Letras, Artes e Ideias* 135 (05/02/1985): 2-3. Disponível em: <https://purl.pt/19841/1/galeria/entrevistas/03.html>. Acesso em 20 jul. 2022.

possibilidade. Se por um lado, na entrevista, Sophia evidencia parte dessa relação paradoxal, entre fascínio e insatisfação. No poema “Cíclades” (Andresen, 2018, p. 655), por exemplo, em Lisboa, “cenário da vida”, Sophia evoca o poeta da heteronímia, descrevendo-o como o “viajante incessante do inverso”, “inquilino de um quarto alugado por cima de uma leitaria” e “visionário discreto dos cafês virados para o Tejo”. A autora escreveria outro poema ainda sobre ele, situando-o também na capital portuguesa: “Fernando Pessoa” ou “Poeta em Lisboa” (Andresen, 2018, p. 665), datado de 1972.

Essa presença inegável de Pessoa em versos andresenianos, remetem às leituras que a autora teria feito da poesia do autor. Retomando o poema “XIII” que invoca Pessoa no livro *Navegações*, a autora escreve

Canção rente ao nada
No silêncio quieto
Da noite parada

Como quem buscasse
Seu rosto e o errasse

Nesse texto, Sophia parece associar a voz múltipla de Pessoa a uma “Canção rente ao nada”, relembrando os versos de “Canção”: “Clara uma canção/ Rente à noite calada” (Andresen, 2018, p. 772), publicado posteriormente em *Ilhas*. O sujeito lírico dos versos do poema “XIII” compara essa mesma canção entoada no “silêncio quieto/ Da noite parada” a busca por algo que não consegue alcançar, um rosto desejado. A linguagem é concisa e sugestiva, transmitindo uma sensação de quietude, apesar do som musical que comporia essa paisagem noturna. O enunciador descreve uma canção que se aproxima do vazio, que ocorre no silêncio calmo de uma noite imóvel, poderia ser essa canção que aparece nos versos de “Fernando Pessoa” (“O múltiplo poema o canto inumerável”, *Idem*, p. 860).

O poema continua com a expressão “como quem buscasse / Seu rosto e o errasse”, transmitindo a ideia de uma procura incessante pelo rosto desejado, mas sem sucesso. Essa busca frustrada sugere uma desconexão entre o buscador e o objeto de sua busca, possivelmente remetendo o “corajoso ousar não ser ninguém”, o “mar indefinido”, a “Cariátide de ausência”, “a presença já perdida”, “a fuga dos caminhos” ou “as ervas não colhidas” que mencionou anteriormente no poema “Fernando Pessoa” (Andresen, 2018, p. 470), publicado em *Livro Sexto*.

Breves considerações finais

No prefácio da edição mais recente de *Navegações*, Eucanaã Ferraz afirma que, nesse livro,

mais uma vez a poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen caminha de mãos dadas com o mar, presença fundamental em toda a sua obra. E, outra vez, a natureza confunde-se com sua historicidade. Aqui, os poemas trazem à cena a gesta ultramarina empreendida pelos portugueses ao longo do que se convencionou chamar expansão marítima, mas também a própria experiência de Sophia como viajante, e de modo mais ou menos explícito, as andanças de outras personagens arrancadas de tempos e situações diversas, como o mítico Preste João, o célebre nauta Bartolomeu Dias e os poetas Luís de Camões, Jorge de Sena e Fernando Pessoa¹. Assim, os poemas de *Navegações* formam, de um modo muito livre, uma narrativa de viagem, ou de viagens (Ferraz, 2015, p. 11).

O comentário evidencia a forma como os poemas andresenianos trazem à tona a gesta ultramarina realizada pelos portugueses durante a expansão marítima. Além disso, a experiência pessoal de Sophia como viajante é retratada, assim como as jornadas de personagens históricos e literários. Ao invocar Camões e Pessoa, a autora cria uma nova “narrativa” em *Navegações* que se desenrola de forma livre, sob o ritmo lento do olhar poético, formando um conjunto de poemas que exploram os múltiplos sentidos e significados das viagens, tanto em termos físicos quanto simbólicos. É nesse emaranhado de referências que Sophia insere sua obra, fazendo ressoar a própria voz na ágora dos poetas. Nessa sala de convívio secular, ninguém poderá negar a presença incontornável do escritor de *Os Lusíadas* ou do escritor de *Mensagem*. Todavia, Sophia não deixa de reagir, a seu modo, ao poeta quinhentista e ao poeta da modernidade.

No caso de Pessoa, a relação entre a poética da heteronímia e a poética da unidade de Sophia é complexa e multifacetada. Embora possa-se se dizer que Sophia tenha sido influenciada por Pessoa, ela também se distanciou dele em vários aspectos. Enquanto Pessoa explorava a fragmentação e a multiplicidade de vozes em sua poesia, Sophia buscava a unidade e a positividade. Inegável, todavia, é a presença de Pessoa em sua poesia, notável, especialmente em poemas como “Fernando Pessoa” (incluído em *Livro Sexto*, de 1962) e “Persona” (do livro *Ilhas*), para citar alguns. Além disso, Sophia foi elogiada por Jorge de Sena por sua “nobreza de dicção” e por ser “irmã da majestade sutil de Pascoaes e das grandes Odes de Álvaro de Campos, cuja linhagem continuava” (Martinho, 1991, p. 100).

O surgimento da obra pessoana gerou um nova inflexão na história da literatura portuguesa moderna, levando as gerações seguintes a um permanente embate com a tradição inaugurada pelo autor de *Mensagem*. Pode-se afirmar que o processo de leitura e assimilação da poesia de Pessoa ainda se encontra em curso, visto que o autor publicou muito pouco em vida e considerando um amplo acervo que, até os dias de hoje, é explorado, questionado, reeditado. Alexandre Bonafim (2019), afirmaria, no texto “Fernando Pessoa e Sophia e Mello Breyner Andresen Algumas Concepções Poéticas”, que

como todo escritor digno de nome, [Sophia] não somente teve de empreender uma fecunda leitura da obra pessoana, como também definir, perante ela, uma postura crítica, bem como o lugar que ela mesma, enquanto poeta, ocuparia dentro da literatura portuguesa. Sophia precisava, pela gravidade do momento, dizer porquê e a que veio num esforço muito maior daquele que ocorreria em outro tempo histórico. Ela era fatalmente herdeira de Pessoa e como qualquer escritor das gerações que sucedem o autor de *Ode marítima*, Sophia deparou-se com o imenso fardo dessa conquista, ante a qual, não poderia ficar infensa (Bonafim, 2019, p.114).

Nesse contexto, a autora de *Navegações (1983)* realiza com maestria o diálogo com seus predecessores, sem perder de vista o próprio projeto poético e as linhas de pensamento que guiaram, desde o princípio, sua escrita. Na obra estudada, o mar-túmulo de Camões parece ser reabilitado à condição inicial da descoberta e do espanto do olhar inicial. No caso de Pessoa, sua voz parece ressoar junto ao nada, mas lembremo-nos de que, tal como Ulisses, “O mito é o nada que é tudo”, e, para Sophia, Pessoa possui o “canto justo”, com seu “corajoso ousar não ser ninguém”, “semelhante a um deus de quatro rostos”, “semelhante a um deus de muitos nomes” (Andresen, 2018, p. 470). Sob a égide do próprio desejo de unidade, a publicação, além de acionar diferentes redes de significação e diálogos intertextuais, parece buscar restaurar parte da relação com o espaço marítimo, tão caro à poética andreseneana, sem perder de vista a herança histórica e literária que a convida a pensar criticamente os espaços visitados.

SILVA, W. F. G. Readings of *Navegações (1983)*: poetics of the sea in Sophia de Mello Breyner Andresen. **Itinerários**, Araraquara, n. 59, v. 1, p., jul./dez. 2024.

- **ABSTRACT:** *Sophia de Mello Breyner Andresen has established herself as a unique poetic voice in the 20th century, without, however, failing to highlight her relationship with her predecessors. In Navegações (1983), the author evokes the grandiosity of the sea, based on the experience of the voyage of discovery, marked by the astonishment of the gaze that reveals the world. In exploring this theme, Sophia establishes a frank dialog with the Portuguese literary tradition, evoking, for example, names such as Luís de Camões, Fernando Pessoa and Jorge de Sena. In the midst of this multiplicity of voices, the author revisits Portugal's epic and maritime tradition in her own way. In this sense, this work is dedicated to analyzing how the relationship between the Andresenean lyrical subject and the sea is configured in the aforementioned publication, observing the way in which literary echoes and voices permeate and/or interact with her own writing.*
- **KEYWORDS:** *Portuguese Literature. Poetics of the Sea. Navigations.*

REFERÊNCIAS

- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. **Obra Poética**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Tinta da China, 2018.
- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. **Navegações**. Prefácio Eucanaã Ferraz. Lisboa: Assírio & Alvim, 2015.
- BARBOSA, M. H. S. Nas pausas do verso: a trama dos acontecimentos e seus intervalos na poesia de Sophia Andresen. **Navegações**, [S. l.], v. 3, n. 2, 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/navegacoes/article/view/8439>. Acesso em: 1 jul. 2023.
- BELO, Ruy. As influências em poesia. **Obra Poética**, vol. 3. Lisboa: Presença, 1984, p. 245-247.
- BONAFIM, Alexandre. FERNANDO PESSOA E SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN. **Revista Coralina (ISSN 2675-1399)**, v. 1, n. 2, 31 out. 2019.
- LOUREIRO, Maria de La Salette. Navegações, descobertas, encontros e reencontros na poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen. In PEREIRA, Luís Ricardo. **Inscrição da terra: Sophia de Mello Breyner Andresen**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003, p. 295-317. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/129241>. Acesso em 30 jun. 2023.
- MAFFEI, Luis. Sophia, Ruy Belo e o difícil emprego de obscuras navegações. **Revista Diadorim** / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 11, Julho 2012.
- MALHEIRO, Helena, (2016): “De Pessoa a Sophia: um Diálogo Intertextual de Reunificação do Ser”. In ANNABELA, Rita; VILA MAIOR, Dionísio (org.). **100 Orpheu**. Porto: Edições Esgotadas, 2016, p. 449-460.
- MARTINHO, Fernando J. B. **Pessoa e a moderna poesia portuguesa: do Orpheu a 1960**. Lisboa: Bertrand, 1991.
- SILVA, Sofia Maria de Sousa. “Só a arte é didáctica”: Luís de Camões por Sophia de Mello Breyner Andresen [ampliado]. **Floema** (UESB), v. 7, p. 123-135, 2010. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/floema/article/view/1791>. Acesso em 25 jun. 2023.

